

Sem verba, FEDF pode até fechar

A Fundação Educacional só terá dinheiro para manter as escolas da rede oficial até abril do ano que vem, caso o Governo Federal não libere mais recurso além dos já previstos. A conclusão é do diretor-executivo da FEDF, José Quintas, ao tomar conhecimento da verbas na proposta orçamentária que a Seplan encaminhou ao Congresso Nacional. Segundo Quintas, os recursos da proposta destinados à Fundação darão apenas para a manutenção rotineira das escolas até abril e o pagamento de pessoal.

Em meio a essa precária situação financeira, não será possível nem cogitar na melhoria do estado geral das escolas que, na grade maioria, precisam ser equipadas e reformadas urgentemente. "Construção de mais salas de aula então, nem em sonho", disse. Quintas explica que a solicitação de verbas para 88 foi dividida em três partes. A preços de abril passado, a FEDF precisa de Cz\$ 4 bilhões 231 milhões para pagar seu pessoal no próximo ano. Para manutenção das atividades escolares, compra de material de consumo e pequenos reparos, serão necessários Cz\$ 548 milhões.

Outros Cz\$ 2 bilhões 70 milhões seriam empregados na compra de equipamentos, reforma e construção de escolas. Dessas três partes, somente o pagamento de pessoal foi atendido integralmente na proposta do Governo Federal. De acordo com Quintas, este ano a FEDF solicitou Cz\$ 1 bilhão para obras, mas só recebeu cerca de Cz\$ 75 milhões. Corrigindo-se esses valores e para atender novos problemas que vão surgindo, a Fundação precisaria atualmente de Cz\$ 4 bilhões.

Para substituir as 15 escolas de aço zincado — chamadas de escolas de lata — seriam necessários, a preços de hoje, Cz\$ 380 milhões. Para atender todas as crianças em idade escolar seria preciso a construção de 400 salas de aula ainda este ano, mas a FEDF só ergueu mais 23. A insuficiência de recursos tem reflexos imediatos nas condições da rede pública.

No Plano Piloto e em todas as cidades-satélites 60 escolas estão ameaçadas de interdição total ou parcial ano que vem. A rede de ensino do Gama está em piores condições, com possibilidades de interdição em 16 escolas. Quintas prevê grandes problemas se o fechamento das salas de aula vier a ocorrer. "Vai ser uma catástrofe, isso não pode acontecer". Ele tem esperanças que mais recursos sejam liberados para impedir o fechamento.

Se as interdições se concretizarem, Quintas afirma que haverá duas saídas para o atendimento dos alunos: aumento de número de turnos intermediários, conhecidos como turnos da fome, e corte de turmas de pré-escolar. A diminuição do ensino de pré-escolar já vem ocorrendo este ano, com sérios prejuízos pedagógicos.

Aluno também depreda escola

A depredação, em níveis alarmantes, das escolas surge como agravante da situação de precariedade da rede oficial de ensino. Em fevereiro passado, foi iniciada a reforma de 236 banheiros de escolas da Ceilândia, com a substituição de 1 mil 180 vasos sanitários. Até julho, a reforma de 220 banheiros foi concluída, mas apenas dois continuam em bom estado.

O diretor-executivo da Fundação Educacional, José Quintas, acredita que os responsáveis pela depredação, além das pessoas estranhas à escola, são os próprios alunos. Para ele, a participação de alunos na depredação é uma questão complexa, com origem nos graves problemas sociais.

Mesmo admitindo que a destruição de bens públicos ocorre também em lugares com população de classe média, ele diz que em locais como a Ceilândia, a situação na rede oficial de ensino é mais grave: "Não vamos resolver o problema social, mas temos que encarar a questão do ponto de vista pedagógico".

De acordo com Quintas, será necessária uma discussão entre a direção da FEDF e os diretores de escolas para buscar uma forma de lidar com a violência, que a universidade não ensinou a enfrentar: "Nós aprendemos nos livros uma pedagogia mais adequada à classe média, e a crise social que o País enfrenta nos coloca diante da necessidade de uma nova pedagogia, devido a um novo tipo de comportamento dos alunos."

Enquanto se busca uma forma pedagógica de combate à violência o quadro de escolas colas quebradas e com instalações precárias vai continuar porque, segundo Quintas, a FEDF não tem dinheiro para novos reparos.